

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**CRISTIANE DIAS DA SILVA**

**IMPORTÂNCIA DE PEDAGOGOS E PEDAGOGAS EM MUSEUS:  
REFLEXÕES A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**GUARULHOS  
2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**CRISTIANE DIAS DA SILVA**

**IMPORTÂNCIA DE PEDAGOGOS E PEDAGOGAS EM MUSEUS:  
REFLEXÕES A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura do Curso de Graduação em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos. Orientador: Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira.

**GUARULHOS  
2022**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**CRISTIANE DIAS DA SILVA**

**IMPORTÂNCIA DE PEDAGOGOS E PEDAGOGAS EM MUSEUS:  
REFLEXÕES A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura do Curso de Graduação em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos. Orientador: Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira.

Aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Orientador – Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira  
Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos

---

1ª Examinadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Franciele Ruiz Pasquim  
Faculdades FACCAT – Tupã/SP

---

2ª Examinadora: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Amanda Topic Ebizero  
Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus familiares e em especial aos meus pais, Pedro e Cleuda, que me incentivaram a seguir meus sonhos, sendo fonte de ânimo e coragem, mesmo diante das dificuldades que sempre estiveram ali.

Todos os meus amigos que fiz nessa jornada, em especial Glaucia Bernardino, Marcia Cristina, Agnes Leumann e tantos outros que foram essenciais para a conclusão de um sonho.

A toda equipe do Museu Catavento, em especial Gabriel, Pedro e Samantha, que me acolheram tão bem na seção do Engenho, dando a mim a possibilidade e coragem para enfrentar o desafio, deixando a jornada mais leve, tornando a experiência incrível juntamente com todos os colegas monitores.

Aos entrevistados por compartilharem suas experiências. A equipe do Museólogo que intermediou todo o processo para que esse trabalho fosse possível e a todos meus colegas de trabalho que compartilharam comigo as risadas e angústias em especial ao meu supervisor Gabriel que se colocou sempre a disposição para o que fosse preciso.

E, por fim, ao Professor Fernando Rodrigues de Oliveira por aceitar me orientar neste trabalho, Gratidão.

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel de pedagogas e pedagogos em espaços não escolares, especialmente museus, como meio de propiciar outras experiências formativas a crianças, jovens e adultos. Trata-se de um trabalho decorrente do relato de experiência da autora a partir das atividades como monitora no Museu Catavento Cultural e Educacional, decorrente da atuação como estagiária entre 2020 e 2021. Buscando abordar um recorte dentro do amplo tema sobre a importância dos pedagogos em espaços de educação não formal, mais especificamente em museus, apresenta-se um histórico desse museu situado na cidade de São Paulo, as reflexões teórico-conceituais sobre o papel de pedagogas e pedagogos nesse tipo de instituição e a experiência vivenciada a partir do estágio supracitado.

**Palavras-Chave:** Museu, Pedagogos, Educação.

## **LISTAS DE SIGLAS**

**O.S** - Organização Social.

**CLT** - Consolidação das Leis do Trabalho.

**CONDEPHAAT** - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Arqueológico de São Paulo.

**IBRAM** - Instituto Brasileiro de Museus.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – p. 9

1. APRESENTAÇÃO DO MUSEU CATAVENTO – p. 10

2. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE OS MUSEUS COMO ESPAÇOS EDUCATIVOS  
– p. 14

3. REFLEXÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DO PEDAGOGO E DA PEDAGOGA NO  
ESPAÇO MUSEOLÓGICO – p. 18

3.1 O que dizem os profissionais atuantes no Museu Catavento? – p. 18

3.2 O olhar de uma estudante de Pedagogia estagiária no Museu Catavento – p. 23

CONSIDERAÇÕES FINAIS – p. 27

REFERÊNCIAS – p. 29



## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso decorre da minha experiência como estagiária no Museu Catavento, ao qual estive vinculada entre 2020 e 2021, na condição de monitora responsável pelo acompanhamento dos visitantes. Trata-se de um relato de experiência que articula minha formação como pedagoga junto ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo e as funções de estagiária nessa instituição. Busca-se com isso adentrar ao debate sobre o papel ampliado de pedagogas e pedagogos em espaços não escolares, como é o caso dos museus.

Como se sabe, o campo de atuação da Pedagogia vem crescendo em diferentes âmbitos cada vez mais, nos últimos anos. Essa área de conhecimento se apresenta atualmente como uma ciência, da qual se faz necessária em diferentes campos de atuação, seja ela na educação formal, não formal ou na informal. Neste trabalho busco dar ênfase na educação não formal, mais especificamente em espaços museológicos.

Por se tratar de um relato de experiência, busco articular os aspectos vividos com proposições de caráter teórico-conceituais advindos do campo educacional. A ideia é reconhecer o espaço museológico como lugar de formação e disseminação de conhecimento. Por isso, pode-se considerar este TCC como um trabalho de natureza qualitativa.

Como meio de complementar as informações obtidas durante o estágio no Museu Catavento Cultural e Educacional e ampliar as reflexões sobre a importância de pedagogos e pedagogas nesse tipo de instituição, realizei entrevistas semiestruturadas com algumas pessoas ligadas ao museu. O propósito dessas entrevistas não foi analisar a opinião ou posicionamento que apresentam em relação à presença de pedagogos e pedagogas, mas compreender de que maneira, pela visão desses profissionais, poderia ocorrer essa articulação.

O meu interesse em discutir o papel de pedagogas e pedagogos nos espaços museológicos se deu pela observação da ausência de um profissional dessa área no Museu Catavento. Esse museu, situado na cidade de São Paulo, compreende um museu de ciências e, por isso, recebe um fluxo grande de estudantes da Educação Básica para visitas de caráter cultural e pedagógico. No entanto, não dispõe em seu quadro de profissionais atuantes nenhuma pedagoga ou pedagogo.

## 1. APRESENTAÇÃO DO MUSEU CATAVENTO

Inaugurado em 26 de março de 2009, o Museu Catavento compreende um museu de ciência e tecnologia que fica localizado no Parque Dom Pedro 2º, no centro da cidade de São Paulo/SP.

Vinculado à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, o museu tem sua gestão sob responsabilidade da Catavento Cultural e Educacional, uma Organização Social de Cultura que tem contrato firmado para tal gestão de 2017 até 2022.

O Museu Catavento foi instalado no chamado Palácio das Indústrias, um espaço importante para a história do município de São Paulo.

A cidade de São Paulo no começo do século XIX não era uma cidade desenvolvida em relação a outros locais no Brasil, seu desenvolvimento ocorria por si só, diferente, por exemplo, do Rio de Janeiro, que por receber a corte Portuguesa em fuga de Portugal recebeu investimentos que até então em São Paulo não aconteciam. Em 1822, às margens do rio Ipiranga, Dom Pedro 1ª declarou a independência do Brasil, deixando de ser o território brasileiro uma colônia. Com isso, São Paulo passou a ser um ponto de partida para expedições em busca de riquezas e captura de indígenas. Essas expedições ocorriam por via terrestre ou fluvial, especialmente através do rio Tietê. Com isso, ao longo do século XIX, a cidade começou a mudar, com o gradativo desenvolvimento urbano.

O café começou a ser plantado no Estado de São Paulo por volta de 1850 e se tornou a grande riqueza do local e do país. Isso demandou a construção de ferrovias para aumentar a produção e transportar o café até o Porto de Santos, para exportação para a Europa. Foi então que alguns fazendeiros de café investiram o seu dinheiro na nascente paulista. Os industriais, comerciantes e agricultores precisavam de um local onde estes pudessem expor os seus produtos e artigos, assim foi construído o Palácio das Indústrias em uma região conhecida como Várzea do Carmo, justamente por abrigar o Rio Tamanduateí que em épocas de cheias transbordava e alagava a região.

A iniciativa de construir o Palácio das Indústrias, segundo Oliveira (2019), “partiu da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado”, sendo inaugurado em 1924. Parte dos recursos de construção do prédio vieram das companhias ferroviárias paulista São Paulo Railway, Paulista Mogiana e Sorocabana.

As obras ficaram a cargo da principal firma de construção da época, o escritório de arquitetura de Ramos de Azevedo, o mesmo que foi responsável pela construção de grandes

edifícios da cidade como: o Teatro Municipal, o Mercado Municipal, a Pinacoteca do Estado, entre outros. Mas o Palácio das Indústrias foi projetado por Domiziano Rossi, arquiteto italiano que era sócio do escritório citado.

Domiziano projetou o Palácio das Indústrias com uma arquitetura considerada eclética, pois a decoração e estrutura do prédio possuem estilos variados, tais como arquitetura greco-romana, arquitetura moderna, arquitetura árabe entre outras, além do fato da inspiração do prédio partir do Castelo Mackenzie em Gênova - Itália.

A construção do prédio iniciou-se em 1911 e foi concluído em 1924. O principal motivo para o atraso nas obras foi o advento da I Guerra Mundial que dificultava a importação de determinados materiais, incluindo o ferro que compõe todo o esqueleto do Palácio.

A primeira exposição abrigada no prédio ocorreu em 1917, antes mesmo da inauguração do espaço como um todo. Na ocasião, alguns salões podiam ser utilizados.

Entre 1917 e 1947, o Palácio das Indústrias abrigou exposições industriais, comerciais, agropecuárias e artísticas. Algumas áreas abrigavam eventos específicos, como o jardim central que foi elaborado para expor plantas e sementes.

Em 1947 o Palácio das Indústrias tornou-se Sede da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e o nome do prédio mudou para Nove de Julho em homenagem à Revolução Constitucionalista de 1932. Até a data de 1989, o prédio recebeu alternadamente diversos órgãos públicos.

De 1989 a 1992, faz-se o processo de tombamento e o restauro do prédio realizado pela arquiteta Lina Bo Bardi, tornando-se sede da prefeitura até o ano de 2004. A partir e então, a prefeitura foi transferida para o Edifício Matarazzo, no Vale do Anhangabaú é importante lembrar que no início do século XX.

Segundo Oliveira (2019), com relação ao Palácio das Indústrias, hoje sede do Museu Catavento, “foram feitos três pedidos de tombamento até que se fosse aceito”. O primeiro foi realizado em 1977 pela Assembleia Legislativa, com o intuito de que fosse instalado no local um museu histórico do Legislativo Nacional. O segundo pedido, com o mesmo intuito, foi feito em 1978. O terceiro e último pedido de tombamento foi feito em 1979, pelo mesmo órgão e ainda com a mesma intenção dos anteriores. Porém, somente em 1982 tornou-se oficial o tombamento aceito pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Arqueológico de São Paulo.

Situado, como dito anteriormente, no centro da cidade, o Palácio das Indústrias, sede do Museu Catavento, tem 219 instalações, distribuídas em 12 mil metros quadrados. O museu se organiza em quatro grandes seções: Universo, Vida, Engenho e Sociedade.

Na seção Universo, dedicada à evolução do Universo e formação da Terra e do céu, encontram-se exposições sobre: a lua, o sistema solar, mecanismo de anticítera, história da astronomia, galáxias, aventura no sistema solar, interior da terra, caverna, paisagens terrestres, relevos da terra e biomas brasileiros.

Na seção Vida, que aborda a origem da vida no Planeta Terra, há exposições sobre: a origem da vida; do macaco ao homem; submarino em viagem ao fundo do mar; borboletário; mundo das abelhas; Darwin; DNA; animais do oceano; conchas; corpo humano; aves do Brasil.

Na seção Engenho, que apresenta as descobertas humanas em Física e Química, há exposições sobre: balões; eletromagnetismo; bolha de sabão; cores; mecânica; sala das ilusões; ver o som; e lego.

Por fim, na seção Sociedade, que aborda temas referentes ao inter-relacionamento humano, tem-se exposições sobre: alertas da juventude; a arte que revela a história; as histórias da história; monte dos sábios; questões de hoje e sempre; preservando a Terra; laboratório de química; os mistérios da química; nanotecnologia; o mundo do perfume; embalagens, resíduos e reciclagem; e o mundo da TV.

A partir dessa estrutura organizacional, o Museu Catavento foi pensado “com a missão de aproximar crianças, jovens e adultos do mundo científico, despertar a curiosidade e transmitir conhecimentos básicos e valores sociais, por meio de exposições interativas e atraentes, com linguagem simples e acessível” (MUSEU CATAVENTO, s.d., s.p.). Acrescenta Oliveira (2019) que “as escolhas em relação às exposições e instalações foram pensadas de tal forma que dialoguem com as ciências e que mantenha a função originária do patrimônio”. Ainda segundo Oliveira (2019): “Esses espaços permitem aos visitantes acesso aos porões, algo que desperta curiosidade no público em geral”, o que passou a ocorrer a partir de 2012, com as chamadas sessões fechadas e guiadas por monitores.

Todos esses espaços apresentam-se de modo a dialogarem com outros meios de conhecimento, como nos apresenta Oliveira (2019):

Os conceitos são trabalhados no espaço do museu de maneira que os experimentos promovam uma mediação do conhecimento científico através dos sentidos que vão além da leitura de textos e imagens, fazendo com que esses espaços atuem como complemento para os outros meios de construção do conhecimento como a internet, o livro e a sala de aula. Assim, demonstra-se a importância de espaços de fomento a cultura científica como o Museu Catavento, que por proporcionar uma vivência no plano real dos conceitos científicos, oferece uma oportunidade importante para o público, que interage com esse conhecimento na maioria das vezes de forma teórica nas salas de aula, sem falar na compulsiva forma virtual com que as pessoas se relacionam com o conhecimento no mundo contemporâneo. (OLIVEIRA, 2019, p.12)

Sob essa lógica, o Museu Catavento foi projetado para um diálogo não apenas com a criança, mas com todos os públicos, o mais diversificado possível, sem que haja uma infantilização da ciência. Pelo contrário, o princípio que rege a organização do museu é o da ludicidade e da integração que ultrapassa o público infantil, como meio de proporcionar uma educação não formal para todos os visitantes.

Nesse sentido, explica Marandino que:

O espaço físico em um museu também determina a forma com que a visita é realizada. Como trata-se, em geral, de um trajeto aberto, o visitante deve ser cativado pela exposição durante seu percurso. Nesse sentido, é importante haver preparação dos mediadores, dos dispositivos de recepção e de organização do tempo no museu para evitar o possível cansaço comum nessas experiências. Uma exposição não deve ser compreendida como uma sucessão de temas independentes e sua apropriação implica diretamente na forma com que é pensado seu percurso. (MARANDINO, 2008, p.16).

No caso específico do Museu Catavento, todos os seus espaços são apresentados por um conjunto de profissionais composto por supervisores, educadores, monitores sêniores e monitores estagiários, cujas formações são diversas. Isso faz com que o museu impulse a diversidade de áreas, assim como ele se apresenta por meio de seus espaços, o que oportuniza a troca experiência e o acesso da ciência de diversos pontos de vistas, seja ela por meio das ciências biológicas, ciências exatas, ciências da natureza e ciências sociais.

Como aponta Marandino (2008): “É imprescindível que os educadores dos museus tenham clareza sobre quais modelos de comunicação utilizam em suas ações e em quais desejam pautar seu trabalho”. Assim, conseguem explorar e maximizar suas ações pautadas nos espaços, tempo e objetos, dialogando com sua prática educativa.

Um aspecto importante a se pontuar em relação ao Museu Catavento é sua importância no cenário cultural e educacional de São Paulo. Segundo dados do centro de controle do museu, desde sua inauguração, em 2009, até o primeiro semestre de 2022, foram recebidos cerca de 5.9 milhões de visitantes presenciais, deste total, cerca de 1.95 milhão de visitantes são grupos agendados de escolas públicas e particulares, que participam de visitas guiadas com duração de 2h. A operacionalização dessas visitas está estruturada de forma a oferecer suporte da equipe aos grupos de visitantes desde o acolhimento na entrada do museu até a saída. Toda a dinâmica ocorre com a ajuda da visitação que fica responsável por intermediar o contato entre a escola e o núcleo educativo, onde eles já têm um roteiro pré-estabelecido de quantidades de grupos e pessoas possíveis de estarem em determinados locais.

Isso demonstra o papel formativo numa perspectiva educacional não formal do Museu Catavento, razão pela qual considerei pertinente refletir sobre a importância de pedagogas e pedagogos na composição de sua equipe.

## 2. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE OS MUSEUS COMO ESPAÇOS EDUCATIVOS

Após minha experiência como monitora no Museu Catavento, primeiro na função de educadora, recebendo grupos agendados para orientação e suporte, e, depois, como atendente na bilheteira, passei a refletir sobre a importância do papel de pedagogos e pedagogas em museus.

Começo, então, apresentando aspectos da educação não formal, onde se enquadra a educação em museus:

A educação não-formal organiza o processo de ensino e aprendizagem sem seguir vários requisitos formais, como por exemplo, pode ser realizada em qualquer ambiente, desde que apresente uma dinâmica diferente de aulas expositivas, não priorize a memorização e utilize ferramentas didáticas diversificadas e atrativas. Ela não aparece para substituir a educação formal, e sim, para complementá-la. Os espaços não-formais devem ser locais prazerosos, que valorizem as emoções e motivações.(QUADRA E D'ÁVILA, 2016, n.p).

De acordo com as reflexões de Gohn (2011), a educação não formal tem como finalidade a promoção de aprendizagens que se desdobram em autoaprendizagem e aprendizagens coletivas, pois o princípio fundamental da educação não formal são as ações coletivas de experiência. Por isso, a mesma compreende um meio de formação de cidadãos críticos e autônomos, pois se dá na valorização do humano como ser social construído histórica e culturalmente.

Com base nessas reflexões, Gomes (2013) esclarece que:

[...] o museu, tomado como espaço não formal de ensino, o qual, além de suscitar novas reflexões e usos para seu próprio espaço que, historicamente, tem sido mitificado como um espaço abstrato, de difícil compreensão ou, por vezes, como exclusivo das classes dominantes, possibilita evidenciar a cultura, a memória e o conhecimento produzido pelo homem ao longo de sua história. (p. 26).

Nessa forma de entendimento, o espaço museológico tem como objetivo apresentar de forma lúdica e atrativa conhecimentos variados atentando-se aos diferentes públicos, o que o torna um local convidativo por utilizar-se de metodologias e práticas que as diferenciam da educação formal. Trata-se de um ambiente preparado para que o indivíduo consiga de alguma forma absorver o assunto em questão e isso se dá desde o posicionamento das obras, instrumentos, conteúdos escritos, imagens que dão suporte aos visitantes e que ocupam o espaço, permitindo a assimilação de conteúdos mediante a interação com os objetos e com as pessoas.

Nessa lógica, um aspecto essencial do entendimento dos museus como espaços de educação não formal perpassa a compreensão da mediação como instrumento que permite o desenvolvimento do conhecimento e da aprendizagem.

Conforme explica Ovigli (2011):

A mediação se caracteriza, portanto, como a relação que o ser humano estabelece com o mundo e com outros seres humanos e é de fundamental importância, visto que é por meio desse processo que as funções psicológicas superiores (pensamento abstrato, raciocínio dedutivo, capacidade de planejamento, atenção, lembrança voluntária, memorização ativa e controle consciente do comportamento) se desenvolvem [...] O ser humano aprende, de forma que novos conhecimentos são assimilados mais facilmente na interação com outros sujeitos e objetos. A mediação corresponde, portanto, a uma ampliação do entendimento do processo de aprendizagem (p. 137).

No caso dos museus, essa mediação compreende um tipo de provocação de diálogo entre visitantes e experimentos, a partir de interação virtual ou presencial, que permite a promoção de novas aprendizagens (MORAES, 2007). Esse diálogo pode ser estimulado por mediadores e por experimentos e objetos presentes nas exposições.

Nesse sentido, a mediação se aproxima do sócio-construtivismo, pressupondo interações sociais como forma de potencializar aprendizagens. Para isso, a mediação fundamenta-se no uso intenso de diferentes linguagens, que podem ser faladas ou escritas. [...] A linguagem é, portanto, atribuído papel fundamental, visto ser ela que possibilita a aproximação do público com a ciência divulgada nos espaços extra-escolares, incentivando os visitantes no desenvolvimento de novas aprendizagens. (OVIGLI, 2011, p. 137).

Pelo exposto, pensar os museus como instrumentos de educação não formal é atentar-se aos espaços e às possibilidades existentes de aprendizagem que ali estão colocadas de maneira a alcançar e extrair o máximo dos que compartilham da experiência diante do percurso percorrido. Esse ponto pode ser observado, por exemplo, na entrevista realizada com uma das monitoras sênior do Museu Catavento:

Eu aprendi como é que eu aprendo a aprender muito mais do que apenas dentro da universidade e eu estou aqui na metade do tempo que eu estou na universidade, então eu acho que grande parte da importância do Catavento para mim é a oportunidade de me desenvolver na área que eu tenho gosto. Eu absorvi a minha capacidade de absorver as coisas e isso me ajudou muito. (Trecho da Entrevista com Fabiana<sup>1</sup>, 2022)

Nessa entrevista, a entrevistada nos apresenta a oportunidade que o espaço trouxe a ela no sentido de desenvolvimento, alinhando a relação teoria e prática. É perceptível diante do relato a importância do fazer e da interação o desenvolvimento do conhecimento.

---

<sup>1</sup> Para preservar a identidade dos entrevistados, utiliza-se aqui nomes fictícios.

Em outra entrevista, essa com a orientadora do Museu, Carla, verifica-se que o contato da entrevistada se deu com o museu, inicialmente, a partir de uma visita para um curso. Segundo a entrevistada, a primeira reação quando chegou na seção Vida foi deslumbrar-se com o espaço. Segundo ela, após passar a atuar no museu, sua relação com o espaço como locus de aprendizagem e desenvolvimento formativo mudou completamente, de modo que compreende o museu como um importante aparelho cultural e de construção de conhecimento.

As reflexões de Carla corroboram com o entendimento de que a educação no espaço museológico diferencia-se por não estar ligado diretamente há uma padronização dos conteúdos pré-estabelecidos, formalidades, séries ou ambiente escolar, como a que ocorre na educação formal. No museu, a maneira como os conteúdos são abordados está diretamente ligado à cultura ao qual o indivíduo está inserido, partindo do pressuposto em que o conhecimento se desenvolve no processo e os métodos utilizados ocorrem no decorrer da ação/visitação.

Sendo assim, a ação educativa se dá por meio do conhecimento compartilhado podendo ser entre o educador e o indivíduo, o indivíduo e o ambiente ou até mesmo entre o educador e o ambiente como citado pela monitora Fabiana, cujo o trecho da entrevista foi transcrito anteriormente.

Sobre esse último aspecto, faz-se importante destacar a relação dos museus na formação de profissionais da educação. A partir da possibilidade de estudantes de graduação realizar estágio nesses espaços, amplia-se o papel formativo dos museus num outro campo de atuação, permitindo a futuros profissionais o ganho de uma experiência ímpar. Esse é o caso que vivenciei. Na condição de estudante do curso de Pedagogia, atuei como monitora do museu, ampliando a minha formação profissional e pessoal, sobretudo na compreensão do papel da educação não formal na promoção do conhecimento.

Conforme explica Ovigli (2011, p. 136):

Museus e centros de ciências, nesse cenário, aparecem como possibilidade de articular espaços não formais com a formação docente, tendo em vista, inclusive, uma possível atuação futura dos licenciandos nesses locais, buscando a ampliação do espectro de atuação desses profissionais. A parceria museu-escola também pode ser favorecida dentro desse modelo de estágio docente, visto que os licenciandos, conhecendo as especificidades educativas que esses espaços apresentam, também podem passar a reconhecer o museu como um espaço educativo e inseri-lo futuramente em sua prática pedagógica, enquanto professores da educação básica. Frente ao aumento do número de centros de divulgação e a mobilização social em torno da alfabetização científica, escolas, universidades e museus podem atuar conjuntamente, partilhando o poder e a responsabilidade de formar e educar.



Essas reflexões encontram coro nas ponderações de Tardif (2002, p. 36), que afirma que os saberes docentes advêm “de vários saberes provenientes de diferentes fontes. Esses saberes são os saberes das disciplinas, os saberes curriculares, os saberes profissionais (compreendendo as ciências da educação e a pedagogia) e os da experiência”.

Apesar, porém, do reconhecimento dos museus como espaços de educação não formal e do papel que eles desempenham na formação do público visitante, assim como de futuros profissionais da educação, no caso específico do Museu Catavento, não há nele nenhum profissional do campo da Pedagogia em atuação. Embora haja profissionais da área da educação, com formação e atuação em campos específicos de conhecimento, são ausentes pedagogos e pedagogas nesse museu.

### **3. REFLEXÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DO PEDAGOGO E DA PEDAGOGA NO ESPAÇO MUSEOLÓGICO**

#### **3.1 O que dizem os profissionais atuantes no Museu Catavento?**

Para entendermos a relevância de pedagogos e pedagogas no espaço museológico, optei por realizar algumas entrevistas com profissionais do núcleo educativo do Museu Catavento. O intuito da entrevista foi buscar algumas respostas para as indagações que passei a fazer desde o primeiro contato com o museu, como monitora. Com isso, a ideia né é tecer críticas ao modo como o museu se organiza, mas compreender a sua conjuntura e refletir, a partir das proposições dos próprios profissionais do museu, sobre o papel de pedagogos e pedagogas no espaço museológico.

Passo, então, a apresentar alguns dados dos entrevistados, sempre salvaguardando a identidade. Optei por entrevistar 4 profissionais que permitem compreender diferentes visões sobre a estrutura e o funcionamento do museu.

Formado há 5 anos no Bacharelado e na licenciatura em Ciências Biológicas, com especialização em Ecologia e monitoramento ambiental, temos o supervisor do setor educativo do Museu Catavento: João. Ele tem como função supervisionar os funcionários das sessões, compostas por 56 estagiários, 7 funcionários em regime CLT, além de prestadores de serviços e um veterinário. João é responsável por resolver questões burocráticas, licenças ambientais, além de, em conjunto com a educadora e a monitora sênior, preparar materiais e exposições para as Seções que compõem o Museu Catavento.

A orientadora e educadora Carla é formada em licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas, com uma pós-graduação em análises clínicas. Sua função é orientar e acompanhar os monitores estagiários e possíveis ocorrências, pendências, além que cuidar de questões burocráticas. Carla é quem prepara os materiais, orienta e acompanha o desenvolvimento dos mesmos. Como orientadora da seção Terra, também é responsável por 18 estagiários.

A monitora sênior Fabiana atualmente é estudante do curso de licenciatura em Ciências Biológicas com habilitação em Física. Como monitora da seção Engenho, sua função

é auxiliar os estagiários na formação, acompanhá-los durante as monitorias no dia a dia, verificar problemas com experimentos ou no espaço, com visitantes ou grupos e auxiliar na parte administrativa relacionada à seção que acompanha, composta por 20 estagiários.

Por fim, temos a supervisora do núcleo acessível, Karina, que tem bacharelado em Ciências Biológica e atualmente cursa a licenciatura na mesma área. Ela é responsável por um núcleo que vem ganhando espaço no museu e que é super necessário. Seu papel é atender grupos de forma acessível e proporcionar aos monitores estagiários treinamentos que abordam assuntos de acessibilidade, além de preparar materiais para auxiliar monitorias.

Como descrito anteriormente foram entrevistados quatro profissionais do Museu Catavento, os quais estão ligados diretamente ao núcleo educativo.

Um primeiro aspecto a se pontuar é que por ser o Museu Catavento um museu de Ciência, predomina entre os profissionais atuantes nele a formação em Ciências Biológicas seja licenciatura ou bacharelado. No entanto, segundo dados do contrato de gestão de 2017, o núcleo educativo é composto por biólogos, físicos e químicos.

Durante as entrevistas, ao indagar os entrevistados sobre o conhecimento de algum pedagogo atuante no museu, o supervisor do setor educativo, João, e a orientadora, Carla, relatam que na seção Terra houve uma pedagoga na função de educadora, a única que ambos relembram ter feito parte da equipe que atua ou já atuou no museu.

A supervisora da área de acessibilidade, Karina, também relata a importância que os estagiários em pedagogia tiveram para o desenvolvimento e elaboração de materiais e ações no núcleo de acessibilidade, embora não tenha nenhum profissional formado atuante na área. Karina destacou sobre os estagiários de cursos de Pedagogia que esses contribuem para práticas que se mantém nos dias atuais, relatando a importância destes para técnicas e atendimento a grupos específicos, como os grupos escolares.

Também Carla e João relataram que existem práticas incorporadas pela pedagoga que atuou na seção Terra e que permanece em funcionamento até os dias atuais, por terem enriquecido muito as ações do museu. Dentre essas práticas, eles destacaram um olhar mais centrado na ação pedagógica e na gestão do grupo, o que nos faz refletir sobre o papel de pedagogos e pedagogas na observação do museu como espaço de educação não formal.

É importante relatar através das entrevistas a relação que os entrevistados fazem entre pedagogos e a ação educativa no sentido de atendimento de grupos específicos e faixas etárias em fase de escolarização.

Como exemplo, tem-se o trecho transcrito da entrevista de João:

[...] a gente que é da seção da Vida, a gente nunca contratou ninguém que fosse fora da biologia por conta dos conteúdos, na verdade da complexidade dos conteúdos é muita coisa para pessoa aprender mas antes da pandemia a gente contratou pessoas da geografia para ver se ia dar certo e deu e jogamos pedagogia na matéria porque lá é química, é difícil a pessoa de pedagogia ou de outro curso querer ficar nesses espaços por conta que é muita coisa para aprender eu acho que eles encaixam mais no acessível, na visitação, no lugar que tem pouco conteúdo e é mais focado para o atendimento [...] A área é diferente é mais voltada para área da gestão eu também acho que o museu precisa de um pedagogo porque o que a gente mostra para o estagiário é o que a gente viveu né como é que a gente faz para aprender e a gente pegou de pessoas que eram pedagogos alguns estagiários que a gente contratou que foi para o acessível que fazia pedagogia, a Tamara faz pedagogia lembrei dela, ela tá na matéria e a gente colocou ela no laboratório de química agora [...] (Trecho da Entrevista com João, 2022).

No trecho citado, vemos a perspectiva do supervisor da área educativa em relação ao trabalho de pedagogos e como esses profissionais poderiam contribuir no trabalho desenvolvido no museu. Segundo sua visão, o olhar sobre o papel de profissionais da pedagogia estaria mais restrito a alguns campos, como a acessibilidade, desconsiderando em certa medida o conhecimento desses profissionais em relação aos processos pedagógicos mais amplos, que poderiam potencializar a visão do museu como espaço de educação não formal. Essas reflexões encontram consonância nas ponderações feitas por Libâneo:

A ideia de senso comum, inclusive de muitos pedagogos, é a de que Pedagogia é ensino, ou melhor, o modo de ensinar. Uma pessoa estuda Pedagogia para ensinar crianças. O pedagógico seria o metodológico, o modo de fazer, o modo de ensinar a matéria. Trabalho pedagógico seria o trabalho de ensinar, de modo que o termo pedagogia estaria associado exclusivamente a ensino. (LIBÂNEO, 2010, p.5-6).

Ou seja, existe uma limitação não só entre os profissionais de outras áreas, mas na própria concepção de pedagogos em relação a sua prática, o que faz com que esse profissional se restrinja ao ensino de crianças ou a prática de ensino ligado diretamente à educação formal. O que acontece constantemente no espaço museológico é a ligação feita entre esse profissional e as práticas, voltadas para aplicabilidade na construção de conteúdos que atendam especificadamente grupos de crianças.

Seria possível desassociar essa restrição ou colocarmos de maneira mais ampla a pedagogia?

A Pedagogia se ocupa, de fato, com a formação escolar de crianças, com processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas, antes disso, ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. (LIBÂNEO, 2010, p.6).

Sendo assim, não podemos dizer que a Pedagogia se restringe só a educação formal, ela é muito mais do que os métodos de ensino ou ensino de crianças. A Pedagogia é ela que como uma ciência nos apresenta as problemáticas da educação em diferentes âmbitos,

contextos e campos, identificando e apontando a direção diante da ação educativa por meio de estudos e observação, ou seja, o caminho diante das possibilidades apresentadas para a concretização da mesma.

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas. O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. De modo que não podemos reduzir a educação ao ensino e nem a Pedagogia aos métodos de ensino. Por consequência, se há uma diversidade de práticas educativas, há também várias pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação etc. Além, é claro, da pedagogia escolar (LIBÂNEO, 2010. p.6-7).

Como campo científico, a Pedagogia nos faz refletir sobre os diversos âmbitos em que ocorre o processo de ensino e aprendizagem, seja na educação formal, não formal ou na informal. E isso é possível devido ao objeto de estudo em que caracteriza esse campo, o “ato educativo”, que permeia por todos os meios em que ocorrem as trocas e as relações sociais que resultam em constante ensino e aprendizagem de forma direta ou indireta.

Pensando nisso, apresento trecho de outra entrevista, essa com Fabiana. Ao ser questionada sobre a importância de pedagogos e pedagogas no espaço do museu, ela relatou que:

[...] a gente trabalha com o espaço educativo. É importante que seja um, um critério não é um critério no sentido de excluyente, mas uma coisa de visualidade de alcançar aquele objetivo porque educação não é fácil, como eu falei essa questão do público maleabilidade, você tem que trabalhar você tem que criar essas estratégias e elas não surgem do nada né. A forma que elas foram criadas vem de uma estrutura da vivência etc, mas a gente não precisa passar pela vivência já foi estruturado isso já tem informação que a gente pode utilizar e uma pessoa que tem esse conhecimento agrega, qualquer pessoa que tenha um conhecimento agrega e facilitaria bastante. (Trecho da Entrevista com Fabiana, 2022).

É notável que os entrevistados conseguem relacionar a Pedagogia com os métodos utilizados no ambiente museológico, mas também é perceptível a relação que os mesmos estabelecem entre o fazer e a prática a determinados grupos ou situações. Não que isso seja problemático, mas é em certa medida limitador do papel que os pedagogos e pedagogas podem desempenhar num museu. Esses profissionais podem atuar de modo a facilitar o desenvolvimento do processo educativo propiciado pelo museu, buscando estratégias mais efetivas de mediação entre visitantes, exposições e monitores. Também os pedagogos e as

pedagogas podem ter papel decisivo no planejamento e curadoria das exposições, ampliando a visão dos profissionais atuantes no museu para outras formas de despertar no público visitante o interesse pela exposição.

Outro ponto de atuação de pedagogos e pedagogas está na orientação dos demais profissionais, especialmente monitores, de modo traçar estratégias que tornem a relação com o público mais interativa, produtiva e educativa. Nesse sentido, pode se ver que bagagem de conhecimento de um pedagogo ou de uma pedagoga vai além dos métodos de ensino. Trata-se de um conhecimento aprofundada da Educação que visa ao desenvolvimento do conhecimento de diferentes sujeitos, seja em processos formais ou informais de ensino e aprendizagem.

Um aspecto importante a se destacar com relação às entrevistas é que em todas elas ficou latente o reconhecimento dos pedagogos e pedagogas como profissionais que contribuíram para as ações desenvolvidas pelo Museu Catavento.

Nesse sentido, destaco a entrevista com a supervisora do núcleo de acessibilidade, Karina, que destaca as benesses que os estagiários com formação em Pedagogia deixaram para o setor.

Sendo assim é correto afirmarmos diante das análises de que a presença do pedagogo é fundamental para o funcionamento do espaço museológico, e isso se dá pelo fato de que esse é um espaço onde a experiência prática está alinhada a conhecimentos que permeiam pela educação formal e informal, tendo como objetivo proporcionar acesso a saberes do campo científico de forma lúdica e interativa.

Como se vê pelo exposto aqui, a presença de pedagogos e pedagogas no Museu Catavento faria grande diferença e isso se dá pela expertise desses profissionais no campo da formação e da Educação.

### 3.2 O olhar de uma estudante de Pedagogia estagiária no Museu Catavento

Diante do exposto até aqui, apresento neste tópico um relato de experiência que vivi como estagiária do Museu Catavento entre 05 de fevereiro de 2020 e setembro de 2021, totalizando 1 ano e 7 meses de estágio.

Esse estágio me proporcionou adentrar em um espaço totalmente desconhecido até então, mais especificadamente na área da Física, no setor Engenho, o qual era um universo completamente novo na minha formação desde a Educação Básica.

Em face disso, com certeza esse foi o maior desafio que enfrentei na minha formação profissional como pedagoga, mas também foi uma grande oportunidade de adquirir novos conhecimentos e habilidades. Oportunidade essa proporcionada por meus gestores que tinham consigo a visão diferenciada e que sabiam da importância de ser ter uma estudante da área da Pedagogia atuando na seção.

Logo que iniciei minha atuação junto ao Museu Catavento, teve início a pandemia de Covid-19, o que demandou a adaptação da prestação de serviço presencial por parte do museu.

Com isso, o atendimento passou a se dar de maneira online, algo que num primeiro momento não era cogitado, mas que se tornou necessário diante das problemáticas causadas pelo vírus SARS-CoV-2. Sendo assim, a rotina do museu alterou-se profundamente, pois o atendimento presencial no museu foi interrompido em razão da prevenção de contágio.

Sobre isso, relatou na entrevista a supervisora Carla:

[...] A gente não sabia muito bem no começo o que estava acontecendo então para mim foi bem difícil porque eu nunca tinha tido na verdade acho que a maioria das pessoas não tinha tido esse contato com home office, trabalhar de casa e as demandas que a gente tem aqui elas são difíceis de executar em casa então até minha cabeça entender que tinha mudado, naquele período o que eu tinha que fazer foi um pouco difícil então eu fiquei bastante tempo sem vir aqui eu lembro que eu fiquei desde o final de fevereiro primeira vez que eu voltei para cá foi em setembro ou outubro ou algo do tipo para fazer uma gravação desses programas que eu não sei se você vai colocar, destrinchar os programas, mas foi muito difícil entender isso, sabe por quê? A gente estava passando por um momento super difícil e ter que considerar isso com o nosso trabalho, que também tinha mudado. Então foi difícil no começo eu acho que eu fui começando a me sentir mais à vontade depois de um tempo assim sabe o começo eu ficava assim sabe, meu mas eu não tô entendendo muito o que é para fazer porque a gente está aqui muito acostumado com o público né e você está na sua casa no seu computador e ter que escrever um roteiro aí você fica tipo o que que eu faço ou ter que ficar ouvindo gravações, minha parte era do podcast ouvindo gravações para ver se tinha alguma coisa para arrumar ou não. Foi difícil, foi um período muito difícil porque a gente estava lidando com muitas questões também né, não era só as questões de trabalho, tinha questões pessoais do mundo, enfim. (Trecho da Entrevista de Carla, 2022).

Partindo da hipótese de que esses espaços e seus atravessamentos se constroem e se fortalecem nas relações de pertencimento, não só entre os monitores em si, mas também o ambiente que o circunda, posso dizer que a experiência de monitoria de forma remota foi bastante limitada e com algumas lacunas dada o formato de realização da monitoria. Isso não tem relação com o modo como fui acolhida ou que desempenhei as minhas funções. Tem relação com a própria dinâmica do trabalho remoto, que reduz as interações, afetando diretamente algumas possibilidades de construção de vínculos.

O que posso dizer sobre o período de trabalho remoto foi que no museu tudo mudou. O estágio que estabelecia a relação do espaço, visitante e o monitor de forma instantânea tornou-se um lugar vazio. O desafio era como alcançar os visitantes, sem o atendimento presencial. Por isso foram reformulados os atendimentos, que passaram a ser virtuais, com a elaboração de conteúdos, experimentos desenvolvidos entre os funcionários e estagiários com sugestões de programas, elaboração de experimentos e vídeos feitos em casa.

Para planejar essas mudanças, realizamos inúmeras reuniões, cursos online e outras atividades que tinham como finalidade compor a demanda de trabalho em formato virtual. Confesso que em algumas situações me senti um pouco perdida, sobretudo em relação ao que fazer e como fazer. Lembro-me que um dos questionamentos dos monitores foi justamente a importância de nos ser oferecida uma formação que estivesse ligada ao próprio museu, pois isso agregaria muito nas demandas de planejamento que tínhamos, além de ampliar nosso conhecimento sobre a própria instituição.

Com relação às demandas específicas de atendimento ao público de forma virtual, fomos separados em pequenos grupos onde escolhemos em qual queríamos ficar tendo como função a criação de podcast, filmagem de vídeos, elaboração de monitorias e até mesmo a criação do projeto que permitiria a transmissão ao vivo de monitorias no museu. Foi nesse momento que o uso da tecnologia e das redes sociais se fez imprescindível.

Depois de um longo período de trabalho remoto, em 2021 retornamos ao atendimento presencial. Esse retorno foi bastante complexo, como relatou a supervisora Carla em sua entrevista:

O período da volta eu acho que foi complicado igual quando ficou em casa, como tava muito no começo a gente não sabia muito bem essa questão do vírus, como ele se propagava e como ele não se propagava. Então voltar a ver pessoas também foi o



choque porque a gente ficou muito tempo em casa sem ver pessoas a gente volta todo mundo mais recluso aí você volta com as questões das atividades também voltamos a receber o público no museu com uma dinâmica diferente então foram períodos complicados de adaptação, mas a gente se deu bem com isso sabe eu achei que seria pior sabe que ficaria muito mais com muitas questões, mas foi tranquilo foi difícil no começo, mas depois foi fluindo acho que a gente foi aprendendo uma nova forma de trabalhar no museu depois da pandemia eu acho que tem um museu antes da pandemia durante a pandemia é um museu depois da pandemia sabe. Eu acho que as pessoas mudaram bastante e a gente conseguiu entender que o nosso trabalho ele pode ir muito além do que a gente faz presencial sabe, que existem outras formas que no começo para mim foi muito difícil só que depois de passar por tudo isso eu consigo entender. (Trecho da Entrevista com Carla, 2022).

Foi uma longa jornada, não vou dizer que nos adaptamos, mas que de uma forma ou de outra tivemos que aos poucos experimentarmos inúmeras situações e demandas que antes não pensávamos, como pré-agendamento para a visita no museu, limitação de visitantes nas sessões com pequenos grupos de 10 pessoas por monitores, sessões e equipamentos que demandam contato físico ou espaços com pouca ventilação fechados.

Nesse processo, surgiam por parte dos visitantes questionamentos, como: “vou arrepiar o cabelo?”, “e a bolha de sabão”? “E a escalada?” Eram tantas perguntas que demandavam de nós a constante reflexão sobre qual a melhor forma de atender o público.

Por isso, o retorno das atividades presenciais envolveu uma mistura de medo, às vezes insegurança, mas foi necessário elaborarmos uma nova forma de agir, falar e movimentar-se. Foi preciso um esforço para que a face escondida não atrapalhasse as trocas, a comunicação.

Nesse ponto, também reflito sobre como pedagogas e pedagogos poderiam contribuir para o planejamento de ações que minimizassem o impacto das limitações no processo de mediação e interação entre público, monitores e o próprio museu. Esse apontamento não tem como função apontar fragilidades da equipe ou condutas não tão produtivas nas escolhas feitas com relação ao retorno presencial. Mas com toda certeza a experiência de pedagogos e pedagogas poderiam ter também agregado nesse sentido, considerando o momento delicado vivenciado por toda a sociedade.

Nesse sentido, apesar do cenário adverso que vivenciei ao longo do estágio como monitora no Museu Catavento, pude aprender muito e compreender que, diferentemente do que muitos pensam, o espaço de atuação dos profissionais formados em Pedagogia ultrapassa a realidade e o contexto escolar, portanto de educação formal, e se amplia para outros lugares destinados à disseminação do conhecimento e formação indireta do público em geral, como é o museu. Por isso, ao longo do período em que atuei no Museu Catavento, passei a refletir

sobre o quão enriquecedor poderia ser contar com um profissional dessa área na equipe responsável pelas ações educativas. Mais do que elaborar roteiros de visitas técnicas ou construir orientações e ações de acessibilidade, pedagogos e pedagogas poderiam fortalecer a equipe gestora do museu no sentido de torna-lo ainda mais um espaço de formação e de educação não formal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a trajetória do estágio, me vi imersa em um ambiente totalmente diferente da educação convencional ou aquela para qual estava me formando, ao realizar o estágio no museu pude perceber o quão necessário é a pedagogia nos âmbitos para além da sala de aula ou melhor dizendo dos muros da escola. Não posso dizer que foi simples, mas que o desafio foi sem dúvidas umas das maiores oportunidades de expandir a capacidade de fluir em campos diferentes desde a educação não formal, até o contato com a física, isso mesmo um dos maiores desafios do qual me propus prosseguir por entender a importância de se abranger os campos de experiência, não apenas como futura pedagoga, mas como um ser com totalidades e particularidades que conseguiria ou não desempenhar algo para além do que se esperava que seria o atendimento a públicos específicos como era direcionada constantemente por meus colegas que tinham dificuldades de atender determinadas faixas etárias ou nas linguagens utilizadas, dificuldades essas que vão sendo moldadas por intermédio das experiências ao qual o mesmo era submetido e com isso agregando e aperfeiçoando o atendimento na medida em que ocorriam as trocas. Nesse período ocorreu também a pandemia, período esse complicado, com necessidades específicas, fazendo com que a dinâmica mude completamente, como relatos descritos diante das entrevistas a elaboração de programas e dinâmicas nos apresenta uma forma diferente das quais estávamos acostumados quando se falava em museus. Passando a utilizar-se de mecanismos e tecnologias para o acesso do público o que foi visto por muitos como ponto positivo, a experimentação de novos meios de acesso e de propagação da ciência.

Começo a indagar o porquê da não existência de pedagogos em museus, como fazer-se ouvida de tal forma a problematizar questões sobre a falta do profissional nesses espaços, que apesar de não abordarem a educação formal, e estar ligada diretamente a educação não-formal e ainda que fosse a educação informal como nos apresenta Libâneo “a pedagogia como a ciência que permeia diferentes campos” sendo fundamental, pois aborda o processo educativo e o pedagogo como orientador do mesmo facilitando ou apontando as problemáticas e assim sendo buscando formas, maneiras diante das possibilidades existentes do ambiente em que o mesmo está inserido, afinal os pedagogos ou futuros pedagogos têm a capacidade de ir para além do atendimento de crianças ou grupos específicos e isso ocorre devido ao acesso de forma aprofundada nas diversas teorias pedagógicas que utiliza-se das filosofias, psicologias, sociologia e afins para elaborarmos uma visão ampla e específica do ato de ensinar, educar, socializar. Não que isso seja responsabilidade única dos pedagogos ou espaços educativos, mas

da sociedade como um todo. Essa questão veio se desenrolando e permeia até os dias atuais devido a indagações feitas por monitores em ação ou que já tiveram contato direto com o espaço museológico, mais especificamente no Museu Catavento.

A área escolhida para a elaboração da pesquisa foi o núcleo educativo justamente por estar ligado diretamente à área de atuação do estágio, tanto o qual eu estava inserida, quanto os atuais monitores que me indagam. Tentar entender se de fato faria diferença esse profissional no ambiente museológico e trazer essa reflexão para os envolvidos, que de fato terão voz para problematizar essa questão sem dúvidas é um dos maiores feitos até aqui da minha graduação, e isso se dá devidamente por meio da confirmação dos mesmos da necessidade desse profissional atuante no ambiente em que os mesmos estão inseridos, pontuando a importante bagagem pedagógica teórica em que o pedagogo tem e as possíveis contribuições para o desenvolvimento do ato educativo que ocorrem nas trocas, nas relações em que esse espaço proporciona não só para os visitantes, mas para com todos que fazem parte do espaço e das relações que se estabelecem entre formandos e formados nas mais diversas áreas, com diversos pontos de vistas que quando se entrelaçam apresentam a continuidade e a evolução das ciências que não param, mas evoluem.

## REFERÊNCIAS

- MUSEU Catavento. Plano estratégico de atuação da Catavento Cultural e educacional para gestão do Museu Catavento – espaço cultural de ciência no período 2017-2022. [https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/eesseers/2018/02/02\\_ANEXO-I\\_PT\\_plano-estrategico.pdf](https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/eesseers/2018/02/02_ANEXO-I_PT_plano-estrategico.pdf)
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos.** São Paulo: Cortez, 2010.
- GOMES, Alisson Leite. **A mediação num museu de ciências: a perspectiva do mediador.** Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2015.
- GOMES, A. G. O museu como espaço educativo não formal de construção de conhecimento científico: usos e práticas de ensino no sítio de Anchieta-Espírito Santo. 2013. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto Federal do Espírito Santo, 2013.
- PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos DE M. **Pesquisa qualitativa: considerações sobre bases filosóficas e princípios norteadores.** Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, v. 22, n. 40, p. 19-29, 16 out. 2019.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas.** Educar. Curitiba: Editora da UFPR, n.17, p. 153-176. 2001. \_\_\_\_\_. **Pedagogia e pedagogos, para que?** 12. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.
- MARANDINO, M. (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco.** São Paulo, SP: Geenf / FEUSP, 2008.
- MACMANAUS, Paulette. **Educação em museus: pesquisas e prática;** organizadoras Martha Marandino e Luciana Monaco. São Paulo: FEUSP, 2013.
- MORAES, R.; BERTOLETTI, J.; BERTOLETTI, A.; ALMEIDA, L. Mediação em museus e centros de ciências: o caso do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (Orgs.). **Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de ciência.** – Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 56 – 67, 2007
- OLIVEIRA, **O Papel da Arquitetura nos Museus de Ciência Reflexões sobre a experiência no Museu Catavento.** <https://museucatavento.org.br/sites/default/files/2021-09/Artigo%20O%20Papel%20da%20Arquitetura%20em%20Museus%20de%20Cie%CC%82ncia.pdf>
- OVIGLI, D. F. B. Prática de ensino de ciências: o museu como espaço formativo. **Revista Ensaio.** v. 13, n. 3, set./dez. 2011.
- PALÁCIO das Indústrias: **Memória e Cidadania. O restauro para a nova Prefeitura de São Paulo.** São Paulo: DPH/Método, 1992.

QUADRA, G; D´VILA. **Educação Não Formal: Qual Sua Importância?** Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Universidade Federal de Juiz de Fora. Revista Brasileira de Zociências, 2018.